

MUSEU DO VINHO DO PORTO.

ARQUITECTURA, PROGRAMA E CONTEÚDOS DO ESPAÇO

Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo Graça¹
Liliana Patrícia da Silva Pereira²

I. Apresentação

O Museu do Vinho do Porto (MVP) está enquadrado na Divisão Municipal de Museus (DMM)³, Departamento Municipal de Museus e Património Cultural, Direcção Municipal de Cultura e Pelouro da Cultura, Turismo e Lazer, da Câmara Municipal do Porto (CMP).

Actualmente, encontra-se instalado em:

Antigos Armazéns da Casa do Cais Novo
Rua de Monchique, 45-52
4050-394 PORTO
Telefone: (00351) 222 076 300
Correio electrónico: museuvinhoporto@cm-porto.pt

II. Missão e Objectivos

II.1. Missão

O MVP está enquadrado na DMM, que tem por principal missão:

Gerir os museus municipais. Promover e apoiar iniciativas culturais⁴.

Nesse sentido, cabe-lhe:

- a) a apresentação cronológica, sócio-cultural, económica e política da Cidade do Porto e dos seus habitantes;
- b) a promoção dos interesses multidisciplinares de âmbito local, nacional e europeu, na perspectiva do serviço à comunidade local;
- c) a articulação das vertentes históricas e culturais com a natureza, valorizando o seu património arquitectónico e paisagístico e realizando exposições temporárias e acções de sensibilização da cidadania.

¹ Licenciado em História, Variante de Arte (1995), e Mestre em História da Arte em Portugal (2005) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Chefe de Divisão Municipal de Museus da Câmara Municipal do Porto (2008-2010).

² Licenciada em Gestão de Património pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto (2001); Coordenadora do Museu do Vinho do Porto da Câmara Municipal do Porto (2008)

³ Esta organização era válida à data apresentação desta comunicação; contudo, a Divisão Municipal de Museus foi extinta a 06 de Abril de 2010, no âmbito de uma reorganização da macroestrutura da Câmara Municipal do Porto, mantendo-se a restante hierarquia assinalada no texto. Desde 2010, há que fazer os necessários ajustes (nota de 2010).

⁴ Cf.: *Diário da República*, II SÉRIE, Apêndice n.º 75, n.º 113, 16 de Maio de 2003, p. 51.

II.2. Objectivos

De igual forma, o MVP partilha de alguns dos objectivos da DMM, a saber:

- a) documentar todos os aspectos do passado e do presente relevantes para a compreensão da Cidade do Porto, enquanto espaço histórico, urbano, económico, social e cultural, ao longo da sua existência;
- b) promover a elaboração de estudos e trabalhos de investigação, nomeadamente na área da Arqueologia, da História da Arte, da História Oral e da Arquivística;
- c) adoptar uma política de gestão das colecções e de aquisições que lhe permita incorporar algum património disperso em departamentos da Câmara Municipal do Porto e recolher junto do mercado, ou de particulares, objectos e documentos de interesse, que de outra forma se viriam a perder;
- d) organizar um *Centro de Documentação*, em que possam vir a ser reunidos todos estes dados e dispô-los para uso público, nomeadamente através de um banco de dados e de imagens;
- e) interpretar e testar junto do público o resultado desse trabalho, nomeadamente sob a forma de publicações, exposições e outras actividades de divulgação.

Contudo, pelas particularidades específicas, acrescem os seguintes objectivos:

- a) desenvolver estudos sobre a temática do MVP e do Vinho do Porto – enquadramento histórico e identificação de figuras que lhe estão associadas, com vista à organização de actividades e publicações;
- b) atrair um número diversificado de públicos ao MVP, desenvolvendo a acção educativa e organizando programas e exposições;
- c) tornar o MVP num espaço acessível a todos, que passa pela existência de rampas de acesso, pela transcrição de textos em *Braille*, pela sua tradução para inglês e pela criação de pequenos painéis, em que personagens do imaginário – *Pipas* e *Sara Pipas* – fazem o acompanhamento do espaço às crianças, numa linguagem simplificada;
- d) estabelecer parcerias com instituições ligadas ao estudo, produção e comercialização do Vinho do Porto, tendo em vista uma actuação coordenada, que vá de encontro a necessidades e objectivos comuns.

III. Breve Historial

III.1. O Edifício

O Museu do Vinho do Porto encontra-se instalado no piso térreo no edifício dos *Armazéns da Casa do Cais Novo*. Este edifício faz parte de um conjunto arquitectónico mais vasto, construído entre os séculos XVII e XVIII, em grande parte pela Família Pinto da Cunha Saavedra, e composto por:

- a ***Casa do Cais Novo*** – casa-nobre, espaços residenciais;

- os **Armazéns da Casa do Cais Novo** – estrutura de apoio à actividade económica dos Senhores da Casa do Cais Novo;
- o **Cais Novo** – estrutura de apoio à navegação fluvial e marítima.

III.1.1. A Casa do Cais Novo

Os Pinto da Cunha pertenciam a uma velha família fidalga, que se instalara em Provesende, no concelho de Sabrosa, em meados do século XVI. Ali, haviam herdado a Casa da Praça, que fora de um seu parente, o famoso Cardeal de Alpedrinha, Dom Jorge da Costa⁵. Desta mesma Casa viriam a descender os Cunha Pimentel, Senhores da Casa da Calçada, que já estavam instalados no Porto desde os princípios de Setecentos, aqui ocupando inúmeros cargos da governança da cidade e residindo num edifício do gaveto da Rua das Flores com o Largo de São Domingos, que ostenta o seu brasão-de-armas.

Os Pinto da Cunha possuíam largas propriedades no Alto Douro, fruto de inúmeras ligações matrimoniais. Em terras durienses alicerçaram a sua fortuna, sobretudo no cultivo da vinha e na produção do vinho – do *vinho fino do Douro*: o *Vinho do Porto*.

Na realidade, a partir dos fins do século XVII, os vinhos do Alto Douro conheceram um crescente interesse estrangeiro, sobretudo britânico, o que permitiu uma importante expansão económica na região e na sua capital comercial: o Porto. Este desenvolvimento económico trouxe alguma abundância às suas populações, que puderam construir e melhorar as suas residências, dando-lhe um novo cunho arquitectónico, com a introdução do estilo barroco. Por outro lado, fez com que algumas das suas famílias comesçassem a aproximar-se do Porto, aqui construindo residências e armazéns.

É, pois, por meados do século XVIII que os Pinto da Cunha chegaram ao Porto, onde passaram a estar sedeados, em detrimento de Provesende ou de Vila Real. Esta ligação começou com o casamento de Leonardo da Cunha Godinho⁶ com Dona Thomazia Josepha de Faria⁷, ocorrido na freguesia de Santa Marinha, em Vila Nova de Gaia, a 01 de Junho de 1710. Deste casal nasceram, entre outros, dois filhos: José Pinto da Cunha Pimentel e Pantaleão da Cunha Faria.

Foi o primeiro, José Pinto da Cunha Pimentel⁸, quem mandou construir a Casa do Cais Novo, pelo ano de 1750. Nascera na freguesia de São Dinis, em Vila Real, a 14 de Abril de 1713. Era 10.º Senhor da Casa da Praça e 2.º Senhor do respectivo Morgadio⁹; foi Cavaleiro da Ordem de Cristo, Familiar do Santo Ofício (Carta de 25 de Fevereiro de 1748), Vereador da Câmara Municipal do

⁵ Cf.: AZEVEDO, Correia de – *Brasões e Casas Brasonadas do Douro*. Lamego: [s. e.], 1974, p. 274.

⁶ Leonardo da Cunha Godinho, baptizado em Provesende, Sabrosa, a 05 de Novembro de 1669; falecido em Provesende, Sabrosa, a 04 de Setembro de 1743), que foi Fidalgo Cavaleiro da Casa Real (Alvará de 15 de Abril de 1709), Cavaleiro da Ordem de Cristo, Familiar do Santo Ofício (Carta de 12 de Maio de 1696), Capitão de Cavalos, etc. [cf.: *Anuário da Nobreza de Portugal*. Lisboa: DisLivro Histórica, 2006, Ano III, Tomo IV, p. 639].

⁷ Dona Thomazia Josepha de Faria foi baptizada na freguesia de Santa Marinha, em Vila Nova de Gaia, a 06 de Janeiro de 1693. Por via deste casamento, entrou na posse da família Pinto da Cunha a Quinta das Devesas, sita na freguesia de Santa Marinha Vila Nova de Gaia [cf.: *Anuário da Nobreza de Portugal*. Lisboa: DisLivro Histórica, 2006, Ano III, Tomo IV, p. 639].

⁸ Cf.: *Anuário da Nobreza de Portugal*. Lisboa: DisLivro Histórica, 2006, Ano III, Tomo IV, p. 639.

⁹ De que fora 1.º Morgado seu pai, citado no texto [cf.: *Anuário da Nobreza de Portugal*. Lisboa: DisLivro Histórica, 2006, Ano III, Tomo IV, p. 639].

Porto, Deputado da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, onde esteve logo na primeira mesa fundadora. Casou com Dona Clara Saavedra y Romay Bohan y Themes, fidalga galega, do Solar do Rosal, em Pontevedra.

Com a morte de José Pinto da Cunha Pimentel, coube a seu irmão Pantaleão da Cunha Faria¹⁰ ficar como tutor dos seus filhos menores. Nasceria em Provesende, em Sabrosa, em 1723; era Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra e Doutor e Opositor em Cânones; como seu irmão primogénito, também teve assento como Deputado da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, mas na sua 7.^a Mesa. Coube-lhe mandar terminar as obras da Casa do Cais Novo, o que apenas aconteceria em 1781; e deu arranque a importantes trabalhos de ampliação da Casa e de construção de vastos armazéns.

Foi filho primogénito de José Pinto da Cunha Pimentel e de Dona Clara Saavedra y Romay Bohan y Themes, José Pinto da Cunha Godinho Saavedra, 11.^o Senhor e 3.^o Morgado da Casa da Praça e 2.^o Senhor da Casa do Cais Novo. Nasceu na freguesia de São Nicolau, no Porto, a 26 de Outubro de 1756; e casou em Vila Nova de Gaia, com Joseffa Nevill, 5.^a Senhora da Casa do Fôjo, também em Vila Nova de Gaia. Em 1798, concluiu a construção do armazém iniciada pelo seu tio Pantaleão da Cunha Faria, expressamente construídos para depósito dos vinhos proveniente das suas propriedades do Douro, bem como para os vinhos provenientes da poderosa Companhia Geral da Agricultura e Vinhos do Alto Douro, criada pelo Marquês de Pombal, em 1756.

A Casa do Cais Novo e o Armazém anexo continuam sendo propriedades dos descendentes da família Pinto da Cunha Saavedra.

III.1.2. Os Armazéns da Casa do Cais Novo

Os *Armazéns da Casa do Cais Novo* começaram a ser construídos no arranque do último quartel do século XVIII. Pertenciam a José Pinto da Cunha Godinho Saavedra, 11.^o Senhor da Casa da Praça e 2.^o Senhor da Casa do Cais Novo, ainda menor, pelo que tendo por tutor seu tio paterno Pantaleão da Cunha Faria.

Os Pinto da Cunha estavam ligados à direcção da Companhia Geral da Agricultura e Vinhos do Alto Douro, criada em 1755, por Sebastião José de Carvalho e Mello, 1.^o Conde de Oeiras e futuro 1.^o Marquês de Pombal. José Pinto da Cunha Pimentel pertencera às primeiras mesas e seu irmão Pantaleão da Cunha Faria pertenceria às seguintes. Os Armazéns da Casa do Cais Novo foram expressamente destinados a depósito dos vinhos proveniente das propriedades que os Pinto da Cunha possuíam no Alto Douro, bem como dos vinhos provenientes da poderosa Companhia Geral da Agricultura e Vinhos do Alto Douro.

As obras só ficaram concluídas em 1798, já sob a direcção de José Pinto da Cunha Godinho Saavedra, 11.^o Senhor da Casa da Praça e 2.^o Senhor da Casa do Cais Novo. Este, nasceu na freguesia de São Nicolau, no Porto, em 1756; e aqui casou, com Joseffa Nevill, 5.^a Senhora da Casa do Fôjo, em Vila Nova de Gaia.

¹⁰ Cf.: *Anuário da Nobreza de Portugal*. Lisboa: DisLivro Histórica, 2006, Ano III, Tomo IV, p. 639.

Edifício de três pisos, todos com entradas independentes, apresenta uma estrutura resistente no interior. Aqui, desenvolvem-se duas naves, divididas fortes por pilares, sobre os quais assentam abóbadas.

Vários factores contribuíram para o forte desenvolvimento dos Armazéns do Cais Novo e sua extensa utilização. Primeiro, a localização privilegiada: próximo da Alfândega do Porto, então instalada na Casa do Infante. Segundo, a existência de um cais próprio: o *Cais Novo*, com condições favoráveis ao embarque e desembarque dos navios que navegavam o Douro e o Atlântico. Terceiro, o envolvimento dos seus proprietários na direcção da poderosíssima Companhia Geral da Agricultura e Vinhos do Alto Douro. Quarto, o enorme desenvolvimento que o comércio do Vinho do Porto conheceu ao longo dos séculos XVIII e XIX.

Não possuindo armazéns próprios, a Companhia Geral da Agricultura e Vinhos do Alto Douro confrontou a família Pinto da Cunha Saavedra com uma decisão de resposta em 48 horas: ou cedia parte dos seus armazéns, ou ficava sem a totalidade do edifício.

Mais tarde, em 1822, os Armazéns da Casa dos Cais Novo tornaram-se no principal depósito da Alfândega do Porto, para os géneros coloniais e do Brasil, passando a ser conhecidos como *Alfândega de Massarelos*. Assim permaneceram até 1872 e a passagem dos seus serviços para Edifício da Alfândega Nova. Então, os Armazéns do Cais Novo retornaram para a posse e administração dos iniciais proprietários.

Aquando das obras de requalificação do edifício, ocorridas entre 1999-2001, foi realizada uma intervenção arqueológica no interior, que permitiu identificar duas campanhas de obras: uma primeira, correspondente à construção das sapatas e pilares dos Armazéns, datável do último quartel do século XVIII; e uma segunda, do século XIX, relacionada com o levantamento do primitivo lajeado e a colocação de um aterro para assentamento de um novo piso, que reaproveitou as lajes do pavimento antigo. Estas transformações podem ter estado, eventualmente, relacionadas com os níveis de cheia do Rio Douro e com uma qualquer alteração da cota da Rua de Monchique.

Vestígios desses pavimentos antigos foram preservados nos vãos das entradas. Descobriram-se, ainda, um tanque e um poço, completamente entulhados. Do interior do tanque, recolheu-se um conjunto de louça doméstica, da segunda metade do século XIX, que ajuda a ilustrar o quotidiano portuense Oitocentista.

Também foi feita uma escavação arqueológica junto ao laçado Nascente do edifício. Aqui, identificou-se um tramo de muro, que havia sido posteriormente cortado pela construção de um aqueduto e que assegurava o transporte de águas. Estas estruturas datavam de meados do século XIX. Encontram-se, ainda, restos de uma calçada, que garantia o acesso à entrada lateral, constituída por pedras em granito, de tamanhos irregulares. Dataria dos fins do século XVIII ou inícios do século XIX. No que se refere a espólio, foram recolhidos vidros, metais e fragmentos cerâmicos, com uma cronologia que se estende desde o século XVI até ao século XX.

As obras de requalificação dos espaços térreos deste edifício foram motivadas pela sua adaptação a Museu do Vinho do Porto, tendo começado em 2001 e terminado em 2004, sob a condução técnico do arquitecto Humberto Vieira.

A 15 de Janeiro de 2004, foi inaugurado o Museu do Vinho do Porto.

III.1.3. O Cais Novo

O *Cais Novo* foi construído em 1631, resultando da necessidade de criação de um local de desembarque de mercadorias fora-de-muros. A Cidade do Porto estava em expansão comercial, de que foi reflexo a fixação de colónias estrangeiras, sobretudo flamenga e britânica. Mas, também, o crescimento urbano do velho burgo, para Poente até Massarelos, para Norte até Cedofeita e até ao Campo de Santo Ovídio (actual Praça da República) e para Nascente bem para além de Santo Ildefonso. E, não longe do novo ancoradouro, erguia-se o Convento da Madre de Deus de Monchique, cujas freiras também iria servir. Defronte, construir-se-ão novos armazéns, sobretudo a partir da primeira metade do século XVIII.

Aos diversos cais do Rio Douro – de que o *Cais Novo* integrou – acostavam barcos de grande navegação marítima e de transporte fluvial. Barcas e rabelos traziam fizeram do rio a estrada do vinho, ligando o Alto Douro às intermináveis filas de carros de bois, subiam e desciam as calçadas, esperando de enormes carregamentos de cascos e fardos, para logo depois circularem pelo Porto. E tal era a chiadeira das rodas que, em 1718, a Câmara do Porto mandou ladrilhar as ruas com seixos, facilitando a circulação dos carros.

A perda de importância dos ancoradouros do Rio Douro só aconteceu no século XX, com o assoreamento da barra e a construção do porto de mar de Leixões, das barragens do Douro e a utilização progressiva de novos meios de transporte – pontualmente o caminho-de-ferro e mais recentemente os camiões cisterna...

IV. O Museu do Vinho do Porto

A ideia de criação de um museu ligado ao Vinho do Porto na Cidade do Porto surgiu em 1996 e partiu da equipa que tinha a seu cargo o projecto do *Museu do Douro*. Previa-se, então, que o novo Museu ficasse instalado na ala poente do edifício da Alfândega Nova do Porto.

A escolha daquele edifício prendia-se com factores vários. Desde logo, ali se conjugavam as actividades alfandegária e comercial; depois, a localização ribeirinha, junto ao rio Douro, via estruturante das comunicações comerciais com o mar e com o Vale do Douro, ancestral estrada de transporte do Vinho do Porto; permitia, ainda, uma área expositiva condigna, com dimensão e escala que assinalassem a importância à actividade que mais marcou a vida da cidade do Porto; finalmente, a ligação estreita a Vila Nova de Gaia (local de armazenamento e envelhecimento do Vinho do Porto) e com o Vale do Douro (local de *produção do vinho fino*).

Em 1998, o Porto acolheu a *Cimeira Ibero-Americana*, cujos trabalhos decorreram no edifício da Alfândega Nova. No seu âmbito, foi inaugurada uma exposição sobre o tema do *Vinho do Porto*, a qual serviria de mote ao futuro Museu. Essa exposição esteve patente ao público durante algum tempo, mas acabou sendo desmontada e, com ela, adiado o projecto do Museu até 2000.

Contudo, aquela iniciativa acabou marcando a importância que a cidade e as suas autoridades concebiam acerca da musealização da temática do Vinho do Porto. Se a ala poente da Alfândega Nova do Porto não estava disponível, havia que encontrar uma solução alternativa para um *Museu do Vinho do Porto*. O que efectivamente aconteceu em 1999, com a escolha do *Armazém do Cais Novo*. Antigo armazém de Vinho do Porto, localizado muito próximo da Alfândega, com as características adequadas e do ponto de vista geográfico muitíssimo bem localizado para a instalação deste Museu. As obras de requalificação do espaço principiaram em 2001, seguindo os projectos do Arquitecto Humberto Vieira.

O Arquitecto Humberto Vieira – que não veria concluído o seu trabalho no Museu do Vinho do Porto – tinha sido responsável por diversos projectos de recuperação e restauro de edifícios, de entre os quais se salientam:

- *Edifício do Antigo Tribunal da Relação e Cadeias do Porto* – projecto de recuperação e reabilitação da cobertura e fachadas, 1988;
- *Igreja do Mosteiro de São Bento da Vitória* – projecto de recuperação das coberturas e fachadas, e projecto de recuperação do Coro Alto, 1989;
- *Quinta Queimada ou Casa de Ramalde* – projecto de recuperação da sede do IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico) no Porto, 1991;
- *Edifício do Seminário Conciliar de Braga* – projecto de recuperação e instalação do arquivo da arquidiocese em co-autoria com o arquitecto Pedro Barros;
- *Igreja de Santa Maria do Bouro*, em Amares – projecto de recuperação, 1990;
- *Igreja e Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro*, em Felgueiras – projecto de recuperação e reabilitação, 1993;
- *Universidade Católica Portuguesa* – projecto do Instituto do Som e Imagem e Escola de Música, para o Centro Regional do Porto, Escola de Artes, 1994;
- *Universidade Católica Portuguesa* – projecto do Centro de Restauro, para o Centro Regional do Porto, Escola de Artes, 1996.

O Museu do Vinho do Porto foi enquadrado num conceito alargado de museologia, associando-se a um mais lato conjunto de unidades, que comporiam o *Museu da Cidade*. Este, pretendia-se polinucleado, de forma a que os respectivos conteúdos permitissem estabelecer um percurso expositivo que coincidissem com um trajecto pela cidade. A visita a esses núcleos dispersos pelo território urbano determinaria o conhecimento da história da cidade do Porto, nos seus diferentes planos, sem deixar de se envolver a própria cidade.

Esses núcleos seriam:

- Arqueo-sítio da Casa da Rua de Dom Hugo, n.º 5 – composto de uma rede de arqueo-sítios, que poderia ser alargado com o avanço de trabalhos arqueológicos no espaço urbano e o achamento de locais de interesse;
- Casa do Infante/ Torre Norte – núcleo medieval, constituído a partir do local onde funcionou a antiga Alfândega – ou *Alfândega Velha* –, a Casa da Moeda e o Almojarifado do Porto; aqui terá nascido o Infante Dom Henrique;
- Museu do Vinho do Porto – núcleo comercial;
- Museu Romântico da Quinta da Macieirinha – núcleo da burguesia, que reconstitui os ambientes românticos da grande burguesia portuense; neste local morreu o exilado Carlos Alberto, Rei da Sardenha e Príncipe do Piemonte, cujo filho Victor Manuel unificaria a Itália num reino.
- Gabinete de Numismática – constituído pelas colecções municipais de moedas, medalhas e notas, à época instalado na Casa Tait¹¹.

O Porto é uma cidade que conta a sua própria história. Foi esta evidência que remeteu para um modelo de *Museu da Cidade*, em que se adaptassem os conceitos tradicionais da museologia a um novo sistema, constituído por pólos temáticos complementares, de forma a tirar partido da importância patrimonial de sítios e edifícios. Obter-se-ia, assim – ou, pelo menos, assim era entendido –, uma dupla valorização dos edifícios e da sua envolvente urbana. Contudo, a ideia acabou sendo abandonada, pelo que somente adoptou esta filosofia o *Museu do Vinho do Porto – Núcleo Comercial*.

O Museu do Vinho do Porto abriu ao público a 15 de Janeiro de 2004. Desde logo, assumiu-se como um centro de interpretação temática, afastando-se dos conceitos da museografia tradicional. É dedicado à importância que o Vinho do Porto e o seu comércio tiveram no desenvolvimento da Cidade do Porto e da sua Região. O propósito que presidiu à organização deste Museu foi o de procurar as peças adequadas à ilustração do que se pretendia contar: História Comercial da Cidade. Constam destes testemunhos peças de várias origens, desde o acervo dos Museus Municipais até depósitos institucionais e particulares. A informação que acompanha todo o percurso expositivo, em suporte informático, tem grande relevância, na medida em que completa a exposição actualmente existente.

IV.1. Caracterização dos espaços

O MVP desenvolve-se num só piso, correspondente ao andar térreo dos Antigos Armazéns da Casa do Cais Novo. Interiormente, apresenta duas naves, divididas por pilares, sobre os quais assentam abóbadas. Esta separação permite uma organização do espaço museológico, no qual foi criado um percurso coerente, que se desenvolve de forma cronológica.

¹¹ Em Setembro de 2008, o Gabinete de Numismática foi transferido para o Palacete dos Viscondes de Balsemão, na Praça de Carlos Alberto.

Ao longo do MVP apresentam-se várias vitrinas, nas quais se expõem as colecções, organizadas segundo critérios cronológicos próprios. A informação adicional é disponibilizada através de painéis inseridos nas estruturas das vitrinas e de monitores LCD, integrados em painéis amovíveis próprios. Os conteúdos podem ser seleccionados pelos visitantes, consoante os interesses pessoais e dentro das áreas sociológica, arquitectónica, económica e/ ou cultural.

Paralelamente, os visitantes mais pequenos são acompanhados pelas personagens fictícias *Pipas* e *Sara Pipa*, criados por Isabel Rocha Leite, com legendagem apropriada às camadas etárias mais novas, de forma a conseguir-se uma maior compreensão e entendimento do Museu e das influências que o Vinho do Porto teve na Cidade.

Especialmente, o MVP organiza-se em dez zonas distintas, algumas delas subdivididas em subzonas:

- Zona 1 – Recepção e acolhimento.
- Zona 2 – Introdução ao MVP e ao espaço arquitectónico:
 - Subzona 2.1 – O Porto Comercial. Perspectiva Arqueológica;
 - Subzona 2.2 – A Importância dos Estudos do Barão de Forrester para um melhor conhecimento do Rio Douro;
 - Subzona 2.3 – O Rio e os Transportes. Os Barcos Rabelos e a abertura e desenvolvimento da Linha do Douro, sua importância para o transporte e comércio do Vinho do Porto.
- Zona 3 – Século XVIII
 - Subzona 3.1 – Pequena reconstituição de ambiente de comerciante da alta burguesia portuense de Setecentos, aludindo-se à importância britânica nas Artes Decorativas nacionais.
 - Subzona 3.2 – Os diversos cais do Porto. O Cais Novo. O Armazém.
 - Subzona 3.3 – O Armazém. História e Funções.
- Zona 4 – Passagem de filme da autoria de Abi Feijó, com a duração de 5 minutos, conseguido através da animação da colecção do século XVIII e XIX, pertencente ao acervo da CMP, onde se alude à importância dos diversos cais da Cidade no comércio do Vinho do Porto e da dinâmica comercial em geral (nota: por falta das condições técnicas, este filme deixou de ser projectado).
- Zona 5 – Século XIX. A Banca. Desenvolvimento Económico da Cidade.
- Zona 6 – A Arte do Vidro e a Importância do seu desenvolvimento para a Exportação e Comércio de Vinho do Porto.
- Zona 7 – Postos Informáticos – cinco postos informáticos com acesso à Internet, que permitem aos visitantes¹²:

¹² Estava prevista a criação de cinco jogos diferentes, jogáveis a partir dos postos informáticos, que permitiria uma interacção do público com os personagens do imaginário do MVP, o *Pipas* e a *Sara Pipa*. Contudo, estes conteúdos didácticos nunca chegaram a ser criados.

- aceder a diversos sítios electrónicos relacionados com o Vinho do Porto, a Cidade e seu comércio e a Região do Alto Douro;
 - disponibilização de informações de carácter regional de todos os municípios ribeirinhos da Região Demarcada do Douro, nos quais se englobam a gastronomia, as feiras, aspectos logísticos, feriados e história local, ou tantas outras que possam interessar ao mais comum dos visitantes, podendo canalizá-los a uma posterior visita a esta Região, valorizando-a;
 - aceder a toda a legislação existente relacionada com o Vinho do Porto;
 - conhecer todas as Caves e Empresas de Vinho do Porto, bem como a Associação que as representa e respectiva Confraria.
- Zona 8 – Auditório, com a capacidade de 30 lugares sentados.
 - Zona 9 – Área de descanso.
 - Zona 10 – Loja, para venda de artigos produzidos pela CMP e de artigos fornecidos pelo IVDP.

IV.2. Colecções

O MVP não possui um espólio numeroso. As suas colecções são compostas por peças de: Arqueologia, Pintura, Gravura, Metais, Vidros, Têxteis e Documentos. Provém dos fundos da CMP (Colecção Vitorino Ribeiro, Casa Museu Guerra Junqueiro, Casa Museu Marta Ortigão Sampaio, Gabinete de Numismática e Gabinete de Arqueologia Urbana), de depósitos de instituições ligadas ao Vinho do Porto e de particulares.

IV.3. Serviços, principais programas e públicos

IV.3.1. Serviços

Até ao momento, o MVP tem oferecido de dois tipos de serviços:

- Loja – pequena zona de vendas, onde se podem encontrar as publicações da Direcção Municipal da Cultura, bem como *merchandising* próprio do Museu do Vinho do Porto; de igual forma, possui um ponto de venda de Vinhos do Porto, livros e gravuras e outros produtos colocados pelo Instituto dos Vinhos do Douro e Porto (IVDP);
- Auditório – pequeno auditório, de 77m², com capacidade para 30 lugares sentados, utilizável para actividades consideradas de interesse; a utilização deste espaço pode estar sujeita a uma taxa de ocupação, estando isentas todas as actividades que revelem interesse cultural e institucional para o Museu e para a Câmara Municipal do Porto.

IV.3.2. Principais programas – Serviços de Interpretação e Mediação Cultural

Os Serviços de Interpretação e Mediação Cultural realizam acções que procuram divulgar a colecção do Museu para os diferentes públicos, promovendo-o como um espaço de cultura, de lazer e de sociabilidades diversas. Entre as iniciativas de prática comum, destacam-se as visitas orientadas

ao espaço expositivo e o acompanhamento de docentes na preparação de visitas, de acordo com os vários interesses disciplinares e profissionais. O sector promove também oficinas dirigidas ao público infanto-juvenil e eventos no âmbito das temáticas expositivas ou de datas que assinalam o calendário cultural, como o Dia Internacional dos Museus, Noite nos Museus, Dia Mundial da Criança

O Museu do Vinho do Porto dispõe de algumas actividades recorrentes, que compõem um pacote de ofertas, maioritariamente vocacionados para grupos escolares e famílias:

- visitas guiadas e temáticas;
- *Hora do Conto*;
- *Em busca do ouro do Barão...*;
- *Rima e torna a rimar*;
- *Rotular a garrafa*;
- *Puzzle Gigante*;
- *Descida do barco Rabelo*;
- Visitas Orientadas;
- *Pedipappers*;
- *A minha garrafa é mais bonita do que a tua*;
- *Cartas e Vinhos*;
- *Quando for grande quero ser arquitecto*;
- *Detective Rabelo*;
- etc..

Juntamente com os restantes Museus Municipais do Porto, o Museu do Vinho do Porto participa nos programas:

- *Conhecer os Museus Municipais*;
- *Famílias nos Museus*;
- *Porto de Crianças*;
- *Dia Internacional dos Museus e Noite dos Museus*.

Acrescem outras actividades, pontuais, como sejam:

- conferências;
- visitas específicas;
- provas de vinho;
- etc..

IV.3.3. Os públicos

Desde a abertura do MVP, a 15 de Janeiro de 2004, que se procede ao registo pormenorizado dos visitantes, de forma a permitir estabelecer relações várias.

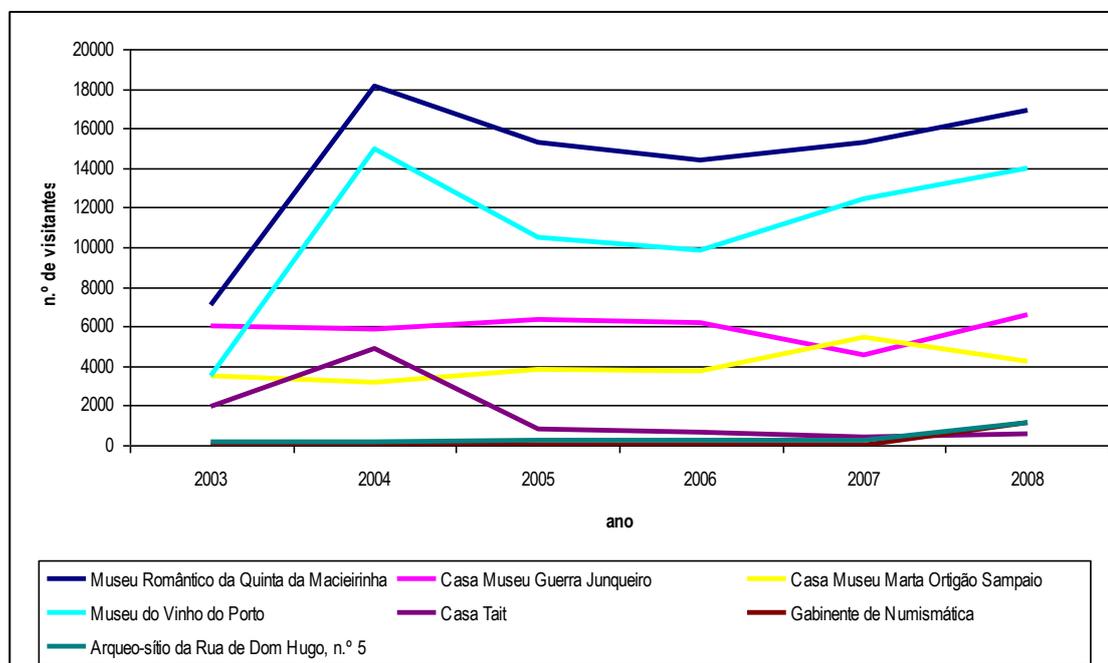
Com base nos dados recolhidos, interessa verificar que no ano de 2004 – ano de abertura do MVP – houve uma visível adesão por parte de visitantes nacionais ao novo Museu. Por outro lado, nos anos subsequentes verificou-se um crescimento de visitantes estrangeiros, principalmente entre

2006 e 2007, reflectindo o efeito das companhias aéreas de baixo custo, que aumentaram o leque de rotas de vários pontos da Europa para a cidade do Porto.

Em relação ao público do Serviço Educativo, este tem vindo a aumentar desde a abertura do MVP, muito devido ao desenvolvimento de actividades várias, para diferentes faixas etárias.

Dos museus municipais da cidade, o museu mais visitado é o Museu Romântico da Quinta da Macieirinha (MRQM) com mais de 13000 visitantes por ano. Este é seguido de perto pelo MVP com cerca 12500 visitantes.

Quadro 1 – Comparação da evolução do número de visitantes anuais dos Museus Municipais do Porto (2003-2008)¹³



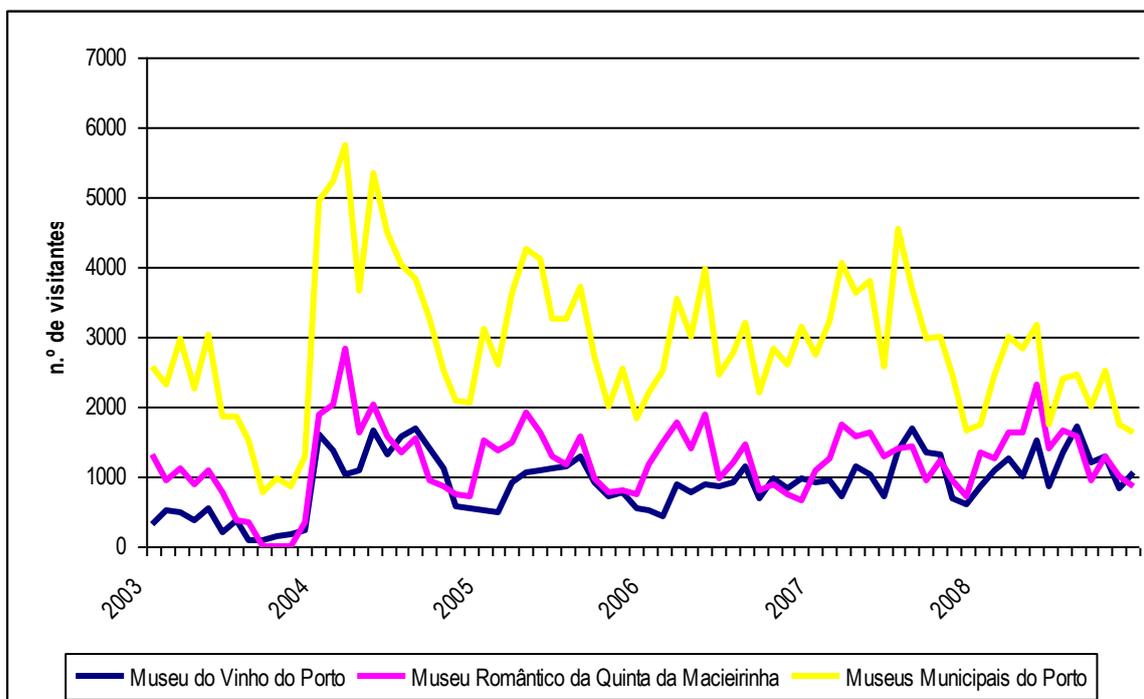
Quadro 2 – Comparação da evolução anual do número de visitantes dos totais dos Museus Municipais do Porto e do Museu do Vinho do Porto (2003-2008)¹⁴

¹³ Fonte: DMM/ CMP.

¹⁴ Fonte: DMM/ CMP.

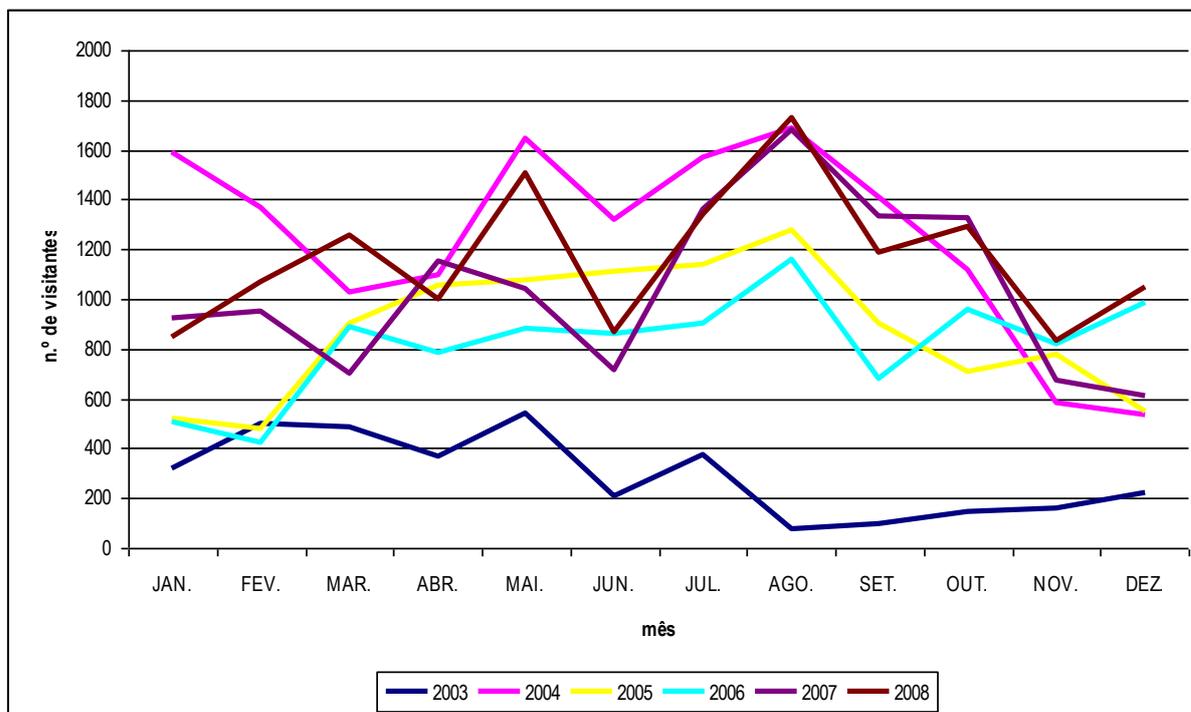


Quadro 3 – Comparação da evolução do número de visitantes mensais dos Museus Municipais do Porto, do Museu Romântico da Quinta da Macieirinha e do Museu do Vinho do Porto (2003-2008)¹⁵



¹⁵ Fonte: DMM/ CMP.

Quadro 4 – Comparação da evolução mensal do número de visitantes do Museu do Vinho do Porto (2003-2008)¹⁶



V. AS DATAS MAIS SIGNIFICATIVAS

- 2001** – 20 de Dezembro – apresentação pública do projecto do Museu do Vinho do Porto.
- 2004** – 15 de Janeiro – inauguração do Museu.
– 09 de Junho – inauguração da exposição temporária Vinografia desenhos para o vinho, sobre a elaboração de rótulos para garrafas de vinho.
- 2005** – de 15 de Abril a 17 de Junho – Conferências no Museu, série de conferências relacionadas com a história do Vinho do Porto, organizadas pelo GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
– 08 de Junho – entrega do prémio *Best of wine Tourism*.
- 2006** – 13 de Março – entrega do prémio *Best of wine Tourism*.

¹⁶ Fonte: DMM/ CMP.

- 21 de Junho – lançamento da edição Cadernos GEHVID, sob organização do GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- de 14 de Julho a 30 de Setembro – exposição temporária 250 anos depois, que assinalou os 250 anos da Região Demarcada do Douro (parceria com a Universidade do Porto).
- de 12 de Outubro a 30 de Novembro – ciclo de conferências 250 anos Depois, organizado pelo GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- 2007** – 29 de Janeiro – entrega do prémio *Best of wine Tourism*.
- 2008** – 23 de Outubro – apresentação da comunicação Museu do Vinho do Porto. Arquitecturas, Programas e Conteúdos de um Espaço, por Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo Graça e Liliana Patrícia da Silva Pereira, no I Encontro de Museus da Vinha e do Vinho, decorrido no Peso da Régua.
- 2008-2009** – de 02 de Outubro de 2008 a 02 de Março de 2009 – exposição temporária Animais Ribeirinhos do Douro, realizada em parceria com o Museu de História natural da Escola Secundária Alexandre Herculano.

Museu do Vinho do Porto, Porto, 23 de Outubro de 2008